

REVOLUÇÃO DE 1930

ARMAMENTOS PRODUZIDOS EM BELO HORIZONTE



Exedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
exedito@editora.ufjf.br

A Revolução de 1930 é um marco importante na inserção do Brasil no século XX, e muito foi escrito a seu respeito, foi envolvente, atingiu os mais importantes e expressivos pontos do território nacional e serviu, mesmo que de forma embrionária, como um laboratório para as primeiras tentativas em se desenvolver material de emprego militar, numa tentativa desesperadora principalmente por parte dos revoltosos, em diversas cidades nos diversos estados, que careciam deste material para levar adiante uma luta armada contra um governo central relativamente bem aparelhado.

Na capital mineira não foi diferente e para forçar a rendição de unidades do Exército favoráveis ao governo central foi necessário usar a criatividade, experiência e conhecimento de antigos oficiais estrangeiros que haviam lutado na primeira guerra mundial e imigrados para o país, onde ao aderirem à causa revolucionária puderam criar e desenvolver alguns itens interessantes, mesmo que estes se perdessem no tempo.

Minas enfrentava um grave problema com falta de armas e munições e em **Belo Horizonte** o secretário de segurança pública encarregou um ex-oficial húngaro chamado **Americo Bán** que junto a seu amigo **Samuel Glueck**, industrial naquela cidade, e com o intuito de burlar a rigorosa vigilância do governo federal partiram para o estudo e a construção de uma bateria de artilharia leve no calibre de 75mm (calibre padrão na época).

Os desenhos e estudos foram realizados na oficina **Glueck & Cia. Ltda (Fábrica de Parafusos Santa Maria)** e aprovado pelo Secretário de Segurança **Odilon Braga**, nome dado depois ao modelo deste canhão.

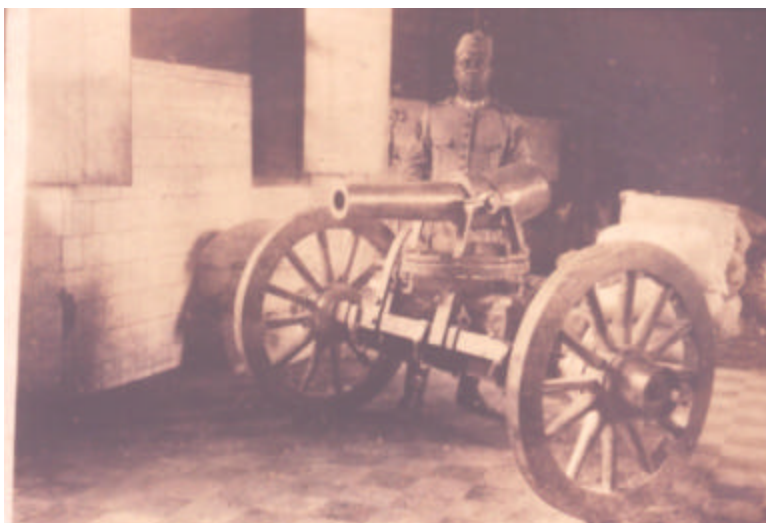
As diversas partes do canhão foram construídas em diversas oficinas espalhadas pela cidade. Em uma delas foi encomendado buchas de bronze especiais para eixos utilizados em grandes britadores horizontais. A um fabricante de carroças foi encomendado as rodas para o canhão, informando apenas que elas seriam usadas em carroças extra forte para o transporte de minério. A super estrutura foi feita em diversas oficinas sem despertar nenhuma suspeita e nada era mencionado que pudesse chamar a atenção para o destino final.



Canhão de 75mm ODILON BRAGA com sua carreta de munição e guarnição, fabricado em Belo Horizonte durante a Revolução de 1930. Crédito das fotos: Arquivo Histórico da UFJF.

Quando tudo estava pronto, as peças foram então transportadas para uma pequena vila distante 34 km da capital. Lá num imóvel alugado aguardavam **Otto Wittenberg**, ex-oficial do Exército Alemão e **Maurício Császár**, ex-sargento do Exército Tcheco-slovaco que procederam à montagem do primeiro canhão. Seguindo o mesmo princípio partiram para a construção da munição cujos componentes foram produzidos em diversos locais, como exemplo, a cabeça das granadas foram fundidas numa pequena oficina como sendo para moldes de cabo aéreo, a parte do corpo da granada em outra como se fossem roletes para transportadores e a base foi feita na **Escola de Engenharia**, como se fossem copos para graxa. Feito isto passou-se para os testes reais tanto do canhão como de sua munição.

Eles foram levados ao morro do Pilar, distante 80km da capital, tracionado por um caminhão, onde realizou alguns tiros para aferição, sendo divulgado que o barulho era um teste de experiências realizados por uma nova máquina para abrir minas. Como o local era muito remoto e os poucos habitantes nunca tinham visto um canhão, tudo passou com naturalidade.



Canhão ODILON BRAGA e duas granadas de 75mm fabricadas em Belo Horizonte durante a Revolução de 1930. Notar a rusticidade do canhão. Créditos das fotos: Arquivo Histórico da UFJF – Arquivo Odilon Braga.

Foram fabricados uma pequena quantidade destes canhões e eles foram usados pelas forças revolucionárias na tomada do **Quartel do 12º Regimento de Infantaria do Exército**, numa luta que durou cinco dias, de 3 a 8 de outubro de 1930, com mortos e feridos de ambos os lados.



Fachada prédio principal do 12 RI e comemoração da tomada do quartel em 8 de outubro de 1930 em Belo Horizonte. Crédito das fotos: Seção de Periódicos – Biblioteca do autor.

Paralelamente aos canhões foi também produzido **Granadas de Mão**, muito parecidas com as alemãs da primeira guerra mundial. Usado os mesmos subterfúgios foi produzido em diversos locais os componentes necessários para a sua confecção. Eram constituídas de três partes, sendo duas de ferro fundida e uma de madeira. A de madeira foi construída como sendo peças para fábricas de tecidos, o que não levantou nenhuma suspeita. Já as partes metálicas, a maior foi fundida na **Siderúrgica Belgo-Mineira** sob a alegação de tratar-se de tampas destinadas a proteger moirões de cerca que protegiam as estradas de ferro. A menor foi fundida em outras oficinas, como sendo tampinhas para filtros de abastecimento d'água. Depois de prontas a montagem e o acabamento final foi realizado nas **Officinas Glueck & Cia**.



Granadas de mão de fabricação local, fundidas pela Siderúrgica Belgo Mineira em Belo Horizonte durante a Revolução de 1930. Crédito da foto: Arquivo Histórico da UFJF – Arquivo Odilon Braga.

Todo este material mais o armamento padrão da **Força Pública Mineira** (atual Polícia Militar) foi estrategicamente posicionado, sempre à noite, em pontos o mais próximo possível do Quartel do 12º R.I. e quando da deflagração do movimento foram usados de maneira correta que culminou com a vitória dos revoltosos favoráveis a Getúlio Vargas e a deposição de Washington Luis.

Fica assim um registro histórico sobre a capacidade de se produzir equipamentos militares em situações de emergência, com poucos recursos, mas muita imaginação...

